

GAYA, A. (Org.). **Educação Física: ordem, caos e utopia**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.

Leonardo do Couto Gomes

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Jeferson Roberto Rojo

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Cahuane Corrêa

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Introdução

O livro *Educação Física: ordem, caos e utopia* é uma das publicações mais recentes do Prof. Dr. Adroaldo Gaya. O autor é docente da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresenta em seu currículo uma produção relacionada à Educação Física e ao Esporte, sendo também reconhecido em Portugal, país no qual realizou seu doutoramento na Universidade do Porto, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Bento. Várias de suas publicações priorizaram as questões filosóficas e epistemológicas, que provocaram grandes discussões, como a ocorrida em 1994 no debate materializado nas páginas da *Revista Movimento* em torno da pergunta “O que é Educação Física?”, envolvendo-se em uma série de debates com outros intelectuais como Celi Taffarel, Hugo Lovisolo e Valter Bracht.

A obra traz 11 capítulos escritos pelo autor, que se constituem na primeira parte do livro. Além de uma segunda parte, com mais 6 textos que são de autoria de colaboradores. O livro foi elaborado por ocasião do aniversário de 60 anos de Gaya e teve como objetivo registrar seu orgulho de ser professor de Educação Física, buscando sintetizar os seus 40 anos dedicados à área. Já os outros autores surgem para completar o que autor considera ser Educação Física. São eles Jorge Bento, Alberto Reppold, Patrícia Fontana, Luciana Paludo, Marcelo de Maio Nascimento, Analyse Gaya e Rui Proença.

No primeiro capítulo, intitulado “O significado da vida: a filosofia, a música e o esporte”, o autor explora seus sentimentos solenes por esses três elementos. O segundo capítulo, cujo nome é o mesmo do título do livro, discute a baixa valorização da Educação Física. Nesse momento, Gaya expõe sua indignação pelo pensamento existente na sociedade de que a Educação Física é apenas uma disciplina escolar meramente mecânica. Contudo, ao finalizar esse capítulo, o autor aponta que existe esperança quanto ao futuro e esta seria sua utopia.

“A Educação Física e corporalidade” é o título do terceiro capítulo. Nele, o autor indica que existe pouca valorização do corpo na atualidade. Para sanar tais questões, o autor aponta para a necessidade de uma maior atenção ao corpo dentro dos espaços formativos, sobretudo aos das aulas de Educação Física. Neste capítulo, Gaya se ampara, principalmente, no pensamento de Le Breton, para afirmar que o corpo vem perdendo centralidade na atualidade.

O significado do termo “Cultura corporal do movimento humano” é explorado no capítulo 4. Na visão do autor, o conceito se impõe como um campo de estudo, no qual o movimento corporal é um local de encontro. Um ponto de interações permanentes entre o cultural e o biológico. Nesse sentido, o conceito levantado por Gaya trata-se de movimentos que revelam significados que visam trazer sentido à existência dos indivíduos, e estes seriam os esportes, a dança, os jogos, as lutas e o teatro.

No quinto capítulo, “A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade”, Gaya explora a ausência do corpo no espaço escolar. O autor orienta suas reflexões embasado na tese de que, em tempos pós-modernos, o discurso filosófico aponta para a superação da racionalidade iluminista. Para amparar essa hipótese de trabalho, o autor apresenta dois pontos: a) nas escolas da atualidade, o corpo é considerado somente como *res extensa* (num sentido cartesiano); b) por ser uma pedagogia que se limita exclusivamente ao racional, torna-se míope e, por consequência, não se configura numa pedagogia da complexidade. Como possível solução para essas questões, o autor enxerga a teoria da complexidade de Edgar Morin e a filosofia de Michel Serres como possíveis respostas para o processo de reinvenção dos corpos no espaço escolar.

“A origem do conhecimento e a reinvenção dos corpos: uma hipótese serresseana” é o título do sexto capítulo. Nele, o autor indica que as principais correntes do pensamento epistemológico também necessitam operar uma reinvenção corporal. Para dialogar com essa premissa, Gaya explora a origem do conhecimento a partir dos modelos empirista, racionalista e construtivista para, posteriormente, apresentar a hipótese baseada no pensamento de Michel Serres, que questiona um saber extremista voltado exclusivamente à razão. Nesse momento, o autor aponta que o conhecimento não pode existir se não passar pelo corpo, sendo ele um púlpito louvável que sabe de coisas que a própria razão desconhece.

O capítulo seguinte, intitulado “Caminhos e descaminhos nas Ciências do Esporte”, questiona a existência de argumentos epistemológicos capazes de justificar as denominadas Ciências do Esporte. Apesar de reconhecer a relevância das pesquisas aplicadas ao Esporte, o autor tem dúvidas em relação à demarcação das Ciências do Esporte como uma disciplina científica autônoma. Para uma melhor aplicação dos conhecimentos científicos, ele dialoga com o conceito de arte da mediação cunhado por Hugo Lovisoló.

No ensaio “O jogo de bola entre os espelhos”, o objetivo é demonstrar que o modelo hegemônico de produção do conhecimento centrado na ótica disciplinar, embora relevante, não é suficiente para revelar a complexidade dos fenômenos que envolvem as diversas manifestações da cultura de movimento. Para mudar esse quadro, Gaya sugere que haja uma mudança na forma de produção do conhecimento, pois as pesquisas devem surgir de problemas advindos das práticas corporais e os pesquisadores não devem se utilizar delas apenas como um meio. O autor advoga em favor da transdisciplinaridade, visto que um investigador do Esporte não pode se comportar como os cientistas das disciplinas mães. Afinal, seus conhecimentos exigem a arte da mediação.

A arte da mediação e a formação do professor de Educação Física são o foco do nono texto. Se, no capítulo anterior, o autor levantou a necessidade de reinventar a forma de produzir conhecimento, neste, aponta para a necessidade de romper com os modelos tradicionais de formação dos professores de Educação Física: o generalista e o especialista. Gaya busca uma nova perspectiva para a formação do profissional em Educação Física: o professor generalista instruído, que seria aquele que se ampara na transdisciplinaridade, rompendo as barreiras entre os saberes e se utilizando de um pensamento complexo. Aqui, novamente, visualiza-se a forte influência das reflexões de Edgar Morin no pensamento do autor.

O décimo capítulo é batizado de “Uma casa portuguesa com certeza, com certeza a minha casa portuguesa”, texto no qual homenageia a Faculdade de Desporto da Universidade

do Porto. Discorre sobre a sua trajetória em terras portuguesas, principalmente na sua relação com a Universidade do Porto, local de seu doutoramento.

A reprodução do conhecimento no campo da Educação Física nos países de língua portuguesa é a temática do 11º capítulo. Para enfatizar seus pontos de vista, Gaya levanta três hipóteses: 1) modelo de formação de pesquisadores e de produção de conhecimento focado exclusivamente numa lógica produtivista; 2) centra-se, basicamente, em publicações nas quais apenas se reproduz o conhecimento com intuito de publicação em revistas internacionais; 3) com esse modelo produtivista, dificilmente o Brasil sairá da periferia da comunidade científica internacional. O autor refere-se ao campo científico como um campo de disputa recorrente à necessidade de publicações em periódicos internacionais, espaço no qual cada vez mais, de forma precoce, alunos e orientandos são moldados nesse modelo.

Os seis últimos capítulos foram destinados aos colaboradores de Adroaldo Gaya. Em “Em nome do desporto”, Jorge Bento discorre sobre um recorrente “ataque” ao esporte realizado por representantes da academia relacionados ao conceito de atividade física. Essa ofensiva é formada por discursos preocupados com a saúde, argumentações que apontam que a inatividade física é uma ameaça à saúde pública. Surge, então, a “salvadora” atividade física. Bento deixa claro que a defesa do esporte não é por uma questão linguística e sim por sérias diferenças conceituais, pois o autor enfatiza que atividade física é um conceito vago que se reporta a tudo e nada ao mesmo tempo.

O 13º capítulo ficou por conta de Marcelo Nascimento. O autor aproxima a filosofia com a dança para buscar compreender os diversos sentidos dados ao movimento existentes no ato de dançar. Já no 14º capítulo, Luciana Paludo busca fazer com que os indivíduos tenham olhares diferentes sobre a dança, deixando-a de vê-la como uma coisa banal e que passem a olhá-la como algo que contribua para configurar expressões e desejos.

Alberto Reppold e Patricia Fontana são os autores do 15º capítulo, alcunhado “Ginástica: recortes temporais”. Os autores abordam os diversos valores atribuídos à ginástica no transcorrer da história, buscando com isso instigar o leitor a investigar mais sobre esse conteúdo. Por sua vez, Anelise Gaya, filha, redige o 16º capítulo, sobre a atividade física relacionada à saúde, trazendo conceitos e inquietações sobre a atividade física e a saúde. A autora busca evidenciar os discursos acerca da importância da atividade física para um estilo de vida saudável, interrogando os modos de promover um estilo de vida ativo para além dos laboratórios. No último capítulo, Rui Proença escreve sobre o envelhecimento. O autor discorre sobre a dificuldade de ser velho em uma sociedade tão marcada pela juventude, trazendo conceitos sobre a primeira, segunda e terceira idades.

A título de considerações sobre o livro resenhado, observa-se que a obra problematiza pontos importantes para a área da Educação Física e do Esporte. Torna-se evidente que Adroaldo Gaya, ao elaborar a presente obra, transcreve nesta suas próprias utopias sobre sua visão de uma Educação Física “ideal”, seja esta no âmbito profissional, seja no acadêmico. Nesse sentido, suas palavras são carregadas de valores entrelaçados a sua posição de docente/pesquisador e sua forma de atuação dentro do campo, evidenciando, assim, uma forte preocupação com seus objetos de estudo dentro do espaço acadêmico científico brasileiro. Entretanto, visões utópicas também podem se tornar palpáveis para a formação de novos conhecimentos e saberes a respeito da Educação Física no Brasil.

Um eixo fundamental do livro reporta-se ao seu aporte teórico, pois Gaya se ampara em importantes filósofos como Edgar Morin e Michel Serres. A principal lacuna existente no livro se refere ao descompasso teórico entre a primeira parte, escrita pelo organizador do livro, com a segunda, que foi elaborada por seus colaboradores. Afinal, a diferença de densidade filosófica e epistemológica dos textos de seus colaboradores em relação aos seus foi evidente. A exceção foi o texto de Jorge Bento. Contudo, mesmo com essa diferença entre a primeira e a segunda partes, o livro em questão cumpre seu objetivo, pois suas aproximações

filosóficas enriquecem e ampliam os olhares sobre a Educação Física. Tal pluralidade se torna ainda mais evidente com seus colaboradores, pois eles enfatizam a salutar polissemia existente na área de Educação Física e do Esporte.

.....

Recebido em: 11/05/2016

Revisado em: 06/09/2016

Aprovado em: 16/01/2017

Endereço para correspondência:

jeferson.rojo@hotmail.com

Jeferson Roberto Rojo

Universidade Federal do Paraná

Rua XV de Novembro, 1299 - Centro

Curitiba - PR, 80060-000